

# A homilia

O comentário é de Sérgio Di Benedetto, professor de Literatura Italiana na Universidade da Suíça Italiana, em Lugano. O artigo foi publicado por Vino Nuovo, 12-05-2024. A tradução é de Moisés Sbardelotto. *in IHU (Brasil)*

*(adaptação para português e com acrescento do cânone 767 do CDC)*

A homilia é, como se sabe, um dos assuntos preferidos da polémica eclesial: porque é longa, prolixa, retórica, óbvia, superficial, abstrata, copiada etc. etc.... São muitos os motivos, muitas vezes válidos, pelos quais o momento da homilia é mais sofrido do que vivido: escutam-na com esforço (se tudo correr bem) obtendo algumas intuições para a própria vida... E, se tudo correr mal, ouvem-se palavras que vagueiam no ar, esperando que o pregador se apresse ou ficamos a pensar noutras coisas. E os próprios pregadores estão cientes disso, porque qualquer pessoa que fala em público dá conta se o público está realmente a ouvir ou a navegar noutros mares do pensamento (e do tédio).

Fala-se da homilia há já algum tempo: o Papa Francisco dedicou ao tema um núcleo da *Evangelii Gaudium* (a partir do parágrafo 135), dando repetidamente recomendações sobre os tempos, os modos, os temas..., mas na maior parte das vezes essas exortações caíram no vazio.

Esperamos – para quem ainda permanece fiel às celebrações dominicais – encontrar o padre “certo” que faça a missa durar o tempo necessário, passando ilesos pelo momento da homilia.

Porém, pode acontecer que, por outro lado, escutemos uma pregação verdadeiramente inspirada na Palavra de Deus e “aproveitável” na relação com Deus e com a humanidade de hoje: mas é uma “mercadoria” rara, uma “mercadoria” procurada: uma espécie de “panda” eclesial, que deve ser protegido e cuidado.

Talvez tenha chegado o tempo de darmos pausa das **homilias dominicais**: algumas semanas, alguns meses – talvez aproveitando o **Tempo Comum** que recomeçou faz pouco tempo – para dar uma folga à assembleia e também aos pregadores, os quais, todos os domingos, têm de encontrar algo significativo para dizer sobre a Palavra e a vida, pregadores esses que, às vezes, recorrem a um atalho da internet, a palavras alheias (não se lembrando sequer de que basta colocar uma breve frase na rede para se entender e descobrir a fonte de suas palavras e também de seus escritos. Lembro-me de um padre que lia lindamente as homilias alheias na igreja ou, ainda, de outro que, no boletim paroquial, fazia passar, como se fossem seus, os artigos alheios, confiando que ninguém daria conta disso.

Um tempo de suspensão, que substitua a **homilia** por alguns instantes de silêncio, talvez guiados por algumas perguntas; e que desperte, assim, no povo de Deus o desejo de escutar alguma boa voz sobre a Palavra e que suscite, no clero, uma reflexão séria sobre a qualidade da própria pregação.

Um tempo de silêncio e de oração, que devolva, assim, as celebrações aos cânones do equilíbrio e da razoabilidade, até mesmo da cronológica.

Um tempo sem **homilias**, que seja de purificação do dizer e do escutar, numa sociedade hiperverborrágica, numa Igreja que tem muitas dificuldades em encontrar as palavras certas para os dias de hoje.

Um tempo de pausa e de debate, que possa, assim, reiterar que o centro da missa é formado pela **Palavra** e pela **Eucaristia**, e não por outras coisas (muito menos por um narcisismo retórico do pregador).

Um tempo sem pregação, que alimente e abra, talvez com alguns simples auxílios, o retorno meditado e quotidiano à **Palavra dominical**.

Um tempo de trégua, também, para fortalecer, mais uma vez, a paciência do povo de Deus, não raramente posto a uma dura prova pelos pregadores.

Um tempo de pausa, para ajudar os pregadores a regenerarem uma tarefa preciosa do seu ministério.

Se quisermos ser formais, o Código do Direito Canónico, diz que a homilia dominical pode ser suspensa por “causa grave” (cânone 767):

**Cânone 767 do Código do Direito Canónico**

§ 1. Entre as várias formas de pregação sobressai a homilia, que é parte da própria liturgia e se reserva ao sacerdote ou diácono; exponham-se nela, no decorrer do ano litúrgico, e a partir do texto sagrado, os mistérios da fé e as normas da vida cristã.

§ 2. Em todas as Missas dos domingos e festas de preceito que se celebram com o concurso do povo, deve fazer-se a homilia, que **não se pode omitir a não ser por causa grave.**

§ 3. Muito se recomenda que, se houver suficiente concurso do povo, também se faça a homilia nas Missas celebradas nos dias de semana, sobretudo no tempo do advento e da Quaresma, ou por ocasião de alguma festa ou de algum acontecimento lutuoso.

§ 4. Pertence ao pároco ou ao reitor da igreja velar para que se cumpram religiosamente estas prescrições.  
(sublinhado nosso)

O desgaste da escuta da **Palavra de Deus** entre os fiéis talvez se possa enquadrar como uma “causa grave” neste primeiro quarto do século XXI.

E, quem sabe,... alguém volte à missa...